

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA
MCML - MCMLI

mes valores, que está na alma da nossa milenária civilização e na massa das nossas tradições, indelêvelmente, constitui dever indeclinável, sobretudo quando, a par de todos os demais dotes, se possui também a arte de resuscitar o passado. E D. José Guillén possui essa arte: dramatizar os factos, animar as personagens, emocionar o tema e emocionar-nos a nós. Através de um estilo correcto e vivo, que, pelo conceito e forma, nos alicia, as figuras comunicam-nos a sua própria vida. E é por isso que sentimos, com Cícero, a sua mesma emoção, no despertar da inteligência, na ânsia de saber, na sede da glória, no deslumbramento da palavra, na paixão das letras; comungamos, com ele, na alegria dos triunfos, na amargura das decepções, nos sobressaltos da fuga e, enfim, com angústia, nessa tragédia que nós quereríamos sustentar, a tragédia fatal da sua morte, ao vermos, de um golpe, decepar a maior glória de Roma.

É assim o livro de D. José Guillén. Confirmação eloquente de obras já publicadas, que ele seja também, como esperamos, para bem nosso e das humanidades clássicas, a promessa de muitas outras de igual valor!

ADRIANO NUNES DE ALMEIDA.

CARLO DEL GRANDE — *Hybris. Colpa e Castigo nelVespresione poetica e letteraria degli scrittori della Grecia antica (Da Omero a Cleante)*. Napoli, Riccardo Ricciardi Editore, 1947. 560 pp.

Se a fama universal fosse a inseparável companheira do verdadeiro merecimento, não seria de lamentar que, do já mui restrito número dos cultores do ramo helenista da filologia clássica em Portugal, mais restrito seja ainda o número daqueles estudiosos que sabem avaliar os inestimáveis contributos da hodierna ciência italiana para o redescobrimento da antiguidade greco-latina. Apartados alguns renascentistas que *passaram à história* da nossa cultura, muitas vezes só à custa da insignificante palinodia de uma necrofilia jornalística gostosamente exercida entre nós, não sabemos que haja alguém, desobrigado de deveres profissionais e alheado de inclinações vocacionais, que reconheça em Festa, Rostagni, Valgimigli, Cantarella, Peretti, Untersteiner, Terzaghi, Perrota, De Falco, Comparetti, Olivieri, Pestalozza, Lavagnini, Petazzoni, De Sanctis, Bignone

e tantos outros, os nomes de fervorosos investigadores da tradição clássica, que não desmerecem, certamente, da admiração que tão pródigamente concedemos àqueles que a fama prestigia segundo os inescrutáveis designios do nosso comércio livreiro...

Cabe-nos a honra de apresentar hoje aos leitores portugueses da *Humanitas* menos familiarizados com a bibliografia especializada da filologia clássica, um desses nomes que há-de ser contado entre os mais ilustres da ciência italiana: Cario Del Grande, e um desses livros que há-de ser considerado como um dos mais esclarecedores do sentido universal do génio grego: *Hybris. Colpa e Castigo nelVespressione poetica e letteraria degli scrittori della Grecia antica*.

O propósito do Autor, bem expresso pelo título e rigorosamente definido na «premissa» — o de estudar o desenvolvimento histórico da dialéctica hybris-némesis, culpa e castigo, na expressão poética e literária dos escritores da Grécia antiga—, encontra-se, ao que nos parece, amplamente transcendido pelas quinhentas páginas desta obra admirável. Terminada a leitura dos oito capítulos em que são tratados, por vezes até uma profundidade excedente, alguns dos mais árduos problemas histórico-literários (lembramos, por exemplo, os da trilogia esquiliana, da autenticidade do *Prometeu*, e o da «catarse» aristotélica), terá percorrido o leitor todos os séculos que medeiam entre Homero e Cleantes de Asso, que sucedeu a Zenão como escolarca do Pórtico: a epopeia, a lírica, a tragédia, a comédia, a história, a retórica e a filosofia, — enquanto vão sendo chamadas a testemunhar sucessivamente acerca da «aceitação e da reacção à lei hybris-némesis», depõem muito especialmente acerca da própria essência, como géneros literários, e do papel desempenhado por cada um deles no desenvolvimento de toda a história da literatura grega. Acrescentemos aos méritos inexcusáveis da descrição literária e da explicação histórica o de uma riquíssima documentação erudita, consignada em setenta páginas de «notas», que, não se satisfazendo com a simples e inútil menção de nomes de autores e de obras, e intentando caracterizar uns e outras pelas conclusões e pressupostos respectivos, constitui, na verdade, um precioso guia bibliográfico, — e teremos reunidos todos os títulos do reconhecimento que o estudante e o estudioso não poderão recusar a este magnífico trabalho de Cario Del Grande.

Flagrante injustiça cometeríamos, todavia, se remetêssemos para o mero interesse didáctico as incomparáveis qualidades desta obra. Com

efeito, a grandiosa e claríssima visão da história da literatura grega apresenta-se-nos, aqui, como gratuito acréscimo ao desenvolvimento da temática do *crime e castigo*. Havia, porém, que deixar assinalada, mais uma vez, a maravilhosa harmonia de todas as formas expressivas da consciência helénica, em virtude da qual talvez não exista questão de pormenor cuja solução não implique a necessidade de recorrer a toda a complexa problematização da génese e natureza dos géneros literários e à história geral da poesia e da prosa gregas.

O objecto próprio da indagação, estudar «linearmente la concezione del rapporto hybris-nemesi dal suo sorgere... sino al suo esaurirsi», foi plenamente atingido pelo A. É forçoso e grato dizê-lo : por muito extenso e pormenorizado que fosse, qualquer resumo que intentássemos atentaria contra uma verdade que só aflora ao fim e ao cabo de algumas centenas de páginas e que — assim o esperamos — desabrochará, em sua mais clara expressão, na segunda parte da obra, que o A. destinou ao estudo da «probabile genesi suasiva di questa legge nel culto degli dei ctoni e nell'apollineo . . . ».

Destes termos prefaciais (p. 3) depreendemos que as duas partes se relacionam entre si, como entre si se relacionam «descrição» e «explicação» do mesmo processo. íamos dizer: do mesmo processo *histórico*. Mas, se o livro «quer ser de filologia» e adaquela filologia que entende e sabe ser história»; se ele «parte do exame dos textos antigos, mas estuda esses textos na sua perene actualidade e pelo que se referem a leis eternas, que nasceram com o homem e no homem hão-de viver enquanto sobre a Terra existirem agregados humanos» (ibid.); se, portanto, o facto *literário*, originado, vai radicar no fenómeno *religioso*, originário, —então estamos em crer que, por fim, nos encontraremos perante algo mais que história. Não terá sido por mero acaso que uma obra assim concebida e redigida no difícilimo trajecto da filologia para a filosofia, inquirindo através do historiável o transistórico fundamento da história e através do literado o transliterário fundamento da literatura, haja saído dos pelos da mesma cidade de Nápoles onde, há mais de dois séculos, João Baptista Vico concebeu e redigiu uma *Ciência Nova*, que buscava na «natureza do nosso espírito humano» os princípios de uma «história ideal eterna». Da própria natureza do espírito humano, pelo desenvolvimento da temática hýbris-némesis, extraiu o A. uma história ideal da literatura grega. Seja-nos relevada a falta que porventura cometamos, declarando aqui a sincera convicção de que as duas partes do livro foram, *necessariamente*,

geradas na ordem inversa daquela em que o A. pretendeu apresentá-las.

Daríamos por não cumprido o tão grato como difícil encargo desta recensão, se passássemos em silêncio sobre toda a magnífica descrição do facto literário, para manifestar somente a ansiosa expectativa de uma futura explicação do fenómeno religioso. Mas, não querendo atentar, pelo resumo inútil e inepto, contra a vivente unidade da obra, resta apenas o recurso à artificiosa abstracção de um só aspecto, da orgânica complementaridade de todos os demais. Consideremos, pois, mas por breves instantes, os capítulos dedicados à tragédia.

Aliás, os problemas da poesia dramática, e em particular os da origem e essência da tragédia, bem poderiam haver constituído a célula primordial de toda esta história da literatura grega, linearmente traçada na perspectiva da dialéctica do crime e castigo. Se da reflexão sobre estes problemas não recebeu o A. o inicial impulso, tal é, no entanto, ou ta! deveria ser, a razão primeira e última, visto que antes e depois da tragédia nenhuma outra forma poética ou prosaica tão relevadamente explicita a «contradição implícita na lenda heróica», que o racionalismo grego, pela gnomologia mais áspera da Jónia, ou mais branda da Ática, encrostara na *paideia* subjacente ou subagente em todos os juízos e prejuízos de valor acerca dos personagens venerandos da mitologia remotíssima.

A contradição implícita na lenda heróica! A fórmula é de Mário Untersteiner (*Le origini della tragedia*), e é a versão moderna da antiga concepção aristotélica, segundo a qual situações trágicas as encontram os poetas nos mitos tradicionais, não tendo mais que acomodá-los a seus propósitos (*Poét.*, 1454-3, 10). Demonstrar que a contradição implícita na lenda heróica se acomodou ao propósito da dramaturgia ateniense e, designadamente, ao da trilogia esquiliana, pela dialéctica *hýbris-némesis*, eis o que nos parece constituir, neste livro, uma fecundíssima transposição da problemática da tragédia para um plano especulativo onde as soluções já não serão viáveis pela metodologia meramente historicista.

Esta transposição deve ser entendida do seguinte modo:

No primeiro «momento» os termos contraditórios ainda não têm nome. Perante inumeráveis sucessos das lendas e dos mitos tradicionais, o Grego de incerta época sentir-se-ia perplexo onde e quando quer que fosse mister enunciar ou denunciar o sentido transcendente da acção épica. E ver-

dade que despertara a consciência de uma contradição, mas essa mal se exprime ainda, porque mal se adivinha na própria perplexidade ante a boa ou má fortuna do herói.

No segundo «momento» os termos contraditórios têm o nome de hybris e némesis. É o instante em que a *crise* se define pela dialéctica do crime e castigo, e as vicissitudes do herói aparecem decorrentes no duplo sentido do pecado e da expiação. Este processo atinge o termo final no momento em que o trânsito da boa para a má fortuna — momento que, no juízo de Aristóteles, constitui o ponto culminante da acção trágica — tem que resultar necessária e verosimilmente de algum erro (ἀσάφεια τῆς πράξεως) cometido pelo herói.

Conclui o A. que «a idade intercorrente de Sólon a Platão havia interpretado toda a posição humana, civil e divina, em relação com as ideias políticas» (p. 417). Acrescentemos nós que, nascida a tragédia «na época decorrente entre Sólon e Platão», também é forçoso admitir que ainda relativamente às ideias políticas, e até nas próprias ideias políticas, a dialéctica hybris-némesis não haverá perdido «quanto di demoniaco v'era congiunto nell'età da Omero ad Esquilo» (ibid.). No início, a tragédia é um acto de culto e, por isso mesmo, a própria imagem da divindade que encarna as contradições da vida nos diversos níveis ou graus em que ela se manifesta no *cosmo*; no termo, talvez seja apenas o drama da humana ou demasiado humana contradição, projectado no ínfimo plano regrado pelas normas da eticidade política. Mas, do início e do termo, a *origem* é comum ! O primeiro «momento» talvez seja, do ponto de vista histórico, o do trânsito da religiosidade mediterrânea para a religiosidade e eticidade propriamente gregas, como Untersteiner diligenciou provar. O autor de *Le origini della tragedia* «ha avuto forse il torto di voler tutto spiegare sul terreno storico» (p. 484). Talvez. Contudo, e não obstante esta divergência, apesar de não assentarem no mesmo plano teórico as soluções históricas e transistóricas do problema da origem da tragédia, Untersteiner e Del Grande concordam tácitamente na verificação do facto a que acima nos referimos : não há problema histórico ou transistórico, dentro ou à margem da literatura, cuja solução não implique o necessário recurso a toda a história ou a toda a fenomenologia do espírito.